

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WINNY KELLE CLEMENTE GONDIM

**FAMÍLIA e ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES FRENTE À PRODUÇÃO DE
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA
ESCOLAR**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

WINNY KELLE CLEMENTE GONDIM

**FAMÍLIA e ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES FRENTE À PRODUÇÃO DE
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

WINNY KELLE CLEMENTE GONDIM

**FAMÍLIA e ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES FRENTE À PRODUÇÃO DE
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA
ESCOLAR**

Este exemplar corresponde à redação final
aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso
de Winny Kelle Clemente Gondim.

Orientador: Prof. Me. Francisco Francinete
Leite Junior

Data da Apresentação: 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior

Membro: Prof. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira/UNILEÃO

Membro: Prof. Me. Cícero Reginaldo Nascimento Santos/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

FAMÍLIA E ESCOLA: Contribuições frente à produção de dificuldades de aprendizagem sob a perspectiva da psicologia escolar

Winnie Kelle Clemente Gondim¹

Francisco Francinete Leite Júnior²

RESUMO

O presente trabalho aborda de forma sucinta conceitos e definições acerca das dificuldades de aprendizagem para o processo de aquisição, buscando compreender como a família e a escola contribui para o surgimento dessas incompatibilidades. O escrito desenvolveu-se a partir da revisão de literatura, consequentemente, de cunho exploratório. É um tema que dialoga com diversas esferas para entender como funciona esse processo, família e escola onde ambas precisam estar interligadas na busca de melhoria do ensino-aprendizagem. Com esta pesquisa foi notório identificar que as diversas causas que podem interferir de forma negativa e comprometer o ensino e qualidade da aprendizagem. Por fim, destaca a presença indispensável do profissional da psicologia escolar como agente de mudança e prevenção; bem como na busca de recursos e procedimentos para a superação das dificuldades encontradas neste meio. Conclui-se que, aprender é uma leitura individual de cada sujeito dependendo do procedimento de ensino e suas respectivas metodologias para concretizar a ação.

Palavras-chaves: Dificuldade de Aprendizagem. Família. Escola. Transtornos da Aprendizagem. Psicólogo Escolar.

ABSTRACT

The main objective of this research are comment briefly concepts and definitions about difficulties of learning acquisition process, analyzing the family and school contributions to emergence or resolution of these Educational problems. The writing developed from the literature review, consequently, exploratory. The theme of this work dialogues with different spheres of knowlesge to understand how the learning process works and how family and school need to be interconnected for the purpose of improving teaching-learning. With this research, it was notorious to identify the several causes that can interfere in a negative way the teaching and learning quality. Finally, it's important and indispensable, think about the presence of school psychologist professional as an agent of change and prevention, as well as in the searching for resources and procedures to overcome the difficulties found in the education environment. In conclusion, we understand that learning is an individual and unique process of each person, depending on the teaching procedures and its respective methodologies in order to realise it.

Keywords: Learning Difficulties; Family; School; Learning Disorders; School Psychologist

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: winnykelly069@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem se configura como algo essencial ao domínio do homem na sociedade que está inserido; é visto como imprescindível para um pleno desenvolvimento de suas ações como sujeito ativo do meio social. A habilidade de aprender varia de acordo com o intelecto de cada indivíduo. No entanto, um dos métodos mais eficazes e comprovados é o dom de aprender com o outro, seja em um ambiente familiar, escolar ou social.

Destarte, a escola é um espaço onde os sujeitos desenvolvem suas relações para além do laço familiar, logo, passam a relacionar-se com outras pessoas de diferentes raças, etnias, cor e religiões. É nesse meio que os indivíduos se desenvolvem como cidadãos críticos, reflexivos e conscientes dos seus deveres e direitos. É neste cenário onde o processo do aprender se desenvolve e pode-se notar um percentual de divergências que acarretam esse saber. Para quais os motivos podem estar relacionados a fatores internos ou externos ao sujeito, neurológico ou psicológico, dentre outros.

Logo, é nesse contexto que a proposta do trabalho científico visa apresentar conceitos, definições e ferramentas acerca das dificuldades de aprendizagens para o processo de aquisição. O estudo, além de fazer um resumo acerca das dificuldades no aprendizado, suas características e especificidades, também retrata um apanhado acerca da psicologia escolar frente a essas incompatibilidades que acarretam o aprender, tendo em vista que, há um aumento na demanda dos alunos e do sistema educacional necessitando da atuação do psicólogo nas escolas, visto que as intervenções pedagógicas não excedem as necessidades.

Uma vez que, no contexto escolar é comum se deparar com situações em que alunos apresentam dificuldades na aprendizagem. Quando se fala na família, professores e todos que compõe a gestão escolar são notórios o desconhecimento, a estigmatização, a falta de compreensão e entendimento acerca do assunto, o que acaba por negligenciar o alunado. Há um importante destaque que deve ser feito nesse ponto, pois alunos que apresentam alguma dificuldade na aprendizagem são vistos muitas vezes como alunos-problema. Dado exposto foi levantado questionamentos a cerca de, “quais as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem que acarretam o progresso do aprender?”.

Em suma, para Lopes (2010, p. 41) a dificuldade de aprendizagem é como “[...] um grupo de indivíduos que apresenta uma discrepância significativa entre aquilo que é esperado em função da idade e aquilo que efetivamente realiza em termos acadêmicos”.

Em virtude disso, o interesse pelo tema do estudo surgiu a partir do entendimento de que o conhecimento acerca das dificuldades de aprendizagem existentes no âmbito escolar pode proporcionar mudanças revolucionárias na vida dos estudantes. No entanto, cresceu a partir das advindas contribuições das disciplinas que se estudam ao decorrer da graduação onde se podem conhecer algumas facetas e falhas no contexto pedagógico, como também a convivência pessoal em setores educativos onde foi possível observar a escassez do profissional da psicologia no âmbito escolar.

Portanto, tendo em vista a grande quantidade de materiais já publicados em relação ao tema faz-se necessário um aprofundamento teórico para melhor compreender estas estereotipias acerca das dificuldades. Desta forma, o interesse para o meio social se torna nítido com a necessidade de obter um maior conhecimento acerca das dificuldades de aprendizagens (DAs) com o intuito de desmitificar estigmas e estereótipos arraigados na sociedade a respeito dos alunados, os quais não acompanham o padrão proposto pelo sistema educacional são classificados como alunos-problema.

Levando os fatores supramencionados em consideração, esse estudo surge do seguinte objetivo geral: compreender as dificuldades constituídas no âmbito familiar e escolar que influenciam no processo do aprender, produzindo dificuldades na aprendizagem. É decorrente dos objetivos específicos: conceituar os termos aprendizagem, dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagens; entender as influências da família e da escola para o processo da educação como um todo; compreender a função do psicólogo escolar e suas contribuições para esse âmbito.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada para a realização deste estudo foi diante da revisão de literatura, consequentemente, de cunho exploratório que conforme Gil (2010, p. 41) “tem por objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o problema de pesquisa”. Tornando-o mais claro e assim verificar hipóteses e diversas reflexões que possam surgir. Pode-se dizer

que esse tipo de metodologia se aperfeiçoa com a apropriação de ideias ou a descoberta de instruções. Seu planejamento é flexível de tal maneira que viabiliza a consideração dos mais variados aspectos relativos ao modo que está sendo estudado.

Nesta perspectiva, essa pesquisa é de natureza qualitativa, caracterizada como um método de investigação científica que foca no caráter subjetivo do objeto analisado, onde o propósito de não contabilizar quantidade como resultado, mas sim conseguir compreender o comportamento de um determinado público (MARCONI; LAKATOS, 2008).

Desta forma, foi feito uma análise de conteúdo com caráter narrativo para o desenvolvimento textual que quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática mais aberta; Segundo Bardin (2011, p.15), “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Onde raramente parte de um conteúdo bem definido, assim, consiste na coleta de dados acerca do tema estudado onde o investigador encontra informações para seu fenômeno.

Por fim, referenciam renomados autores como: Antunes (2010), Campos (2007), Furtado (2004), Lopes (2010), Ferreira (2010) dentre outros, como aporte teórico que discute sobre a psicologia escolar frente às dificuldades de aprendizagem. A fonte de informação utilizada foi encontrada em artigos, livros e revistas do Google Acadêmico, SIELO, E PEPSIC.

3. UM OLHAR ACERCA DA NOÇÃO DE APRENDIZAGEM

Segundo Alves (2007) “o processo de aprendizagem reflete como os seres humanos adquirem novos conhecimentos, desenvolvem habilidades e mudam os comportamentos.” Este é um processo complexo, o qual, dificilmente pode ser explicado diante de recortes do todo. Assim, a aprendizagem pode ser compreendida como uma modificação do comportamento individual com base na experiência, podendo ser caracterizada por um estímulo sistemático, proposital ou intencional.

A importância da aprendizagem na vida do indivíduo varia de uma pessoa para a outra. Na raça humana esse fator se instala no homem com, ou antes, do início do nascimento

e se prolonga até a morte. É notório que, após o nascimento de uma criança, ela começa a aprender em diversas áreas, habilidades e conhecimentos distintos.

Mas o que significa aprender? É o processo de aquisição pelo qual as competências e habilidades são utilizadas de maneira criativa para resolver situações. Como se dá aprendizagem humana? Como um processo de entendimento do que não se conhecia antes, transferência de conhecimentos relacionada à educação e desenvolvimento pessoal. É necessária uma devida coordenação do que deve ser transferido muito embora necessite instigar o indivíduo para receber o conhecimento (ALVES, 2007). O desenvolvimento e a aprendizagem são inteiramente interligados.

Assim, as competências, habilidades, sentimentos, comportamentos, valores e etc. são modificados ou alterados de acordo com a convivência humana. Aprender é uma leitura individual de cada sujeito, dependendo do procedimento de ensino e suas respectivas metodologias para concretizar a ação. “Aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes” (ANTUNES, 2008, p. 32).

A terminologia aprendizagem nasceu a partir das investigações empíricas da psicologia indicando que todo comportamento é resultante da experiência, comprovando a ideia que considera o indivíduo como uma tábua rasa onde todas as impressões advindas dos órgãos sensoriais constituem e viabilizam o conhecimento (GIUSTA, 2013). Para, além disso, aprendizagem consiste, na quebra de equilíbrio, num desajuste, até que haja uma resposta à nova situação, um reequilíbrio se instaure diante do novo aprendizado.

Aprender é uma ação fundamental da vida. Todo indivíduo nasce com o ato de aprender, e através da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que o possibilita a viver e transversalmente se firmar como um ser racional, forma sua personalidade e se prepara para o papel que lhe cabe no seio social (CAMPOS, 2010).

Salienta-se que, o processo de aprender vai além dos fatores cognitivos abrangendo também as relações sociais que o indivíduo constrói ao longo da vida, pois se percebe que é através da relação com o outro que a aprendizagem acontece, é diante disso, que se gera um espaço para pensar, debater e agir. Sendo que o sujeito avança no raciocínio, desenvolve o pensamento, compreende o meio, adquire habilidades e espontaneidade.

Na visão de Gómez e Terán (2009, p. 31) “a aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo”. Uma das condições para desenvolvê-la é a vontade do sujeito em aprender determinada função, desenvolvendo assim, prazer e desejo pela arte do aprender.

Pensando nisso, pode-se entender o aprender como um processo que tem seu início diante do confronto entre a realidade objetiva e os diversos significados que cada indivíduo constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes (ANTUNES, 2008).

De acordo com o princípio Vygotskiano a aprendizagem se caracteriza como uma articulação de processos externos e internos, buscando a incorporação de signos culturais pelo aprendiz, gerando uma qualidade autorreguladora as ações e ao comportamento das pessoas, ressaltando a atividade social, histórica e coletiva dos cidadãos na organização das funções mentais superiores. Por conseguinte, o caráter de intervenção cultural na metodologia do conhecimento e, simultaneamente, a ação social de aprendizagem, na qual o indivíduo agrega aspectos sociais culturais como ser ativo (VYGOTSKY, 1993).

Aprendizagem é toda atividade cujo resultado é a formação de novos conhecimentos, habilidades, hábitos naquele que executa, ou a aquisição de novas qualidades nos conhecimentos, habilidades, hábitos que já possuem. O vínculo interno que existe entre a atividade e os novos conhecimentos e habilidades residem no fato de que, durante o processo da atividade as ações com os objetos e fenômenos formam as representações e conceitos desses objetos e fenômenos (GALPERIN, 2001).

Percebe-se na fala de Galperin que o envolvimento da criança com o exercício influencia em seu pleno condicionamento seja escolar, familiar ou mundo; que atividades são mecanismos de fortalecimento do aprendizado seja individual ou coletivo. Além disso, a educação está estreitamente vinculada com o desenvolvimento cognitivo de todos os seres humanos.

A aprendizagem torna-se mais significativa à medida que o conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um discente e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Seria viável explorar o conhecimento que o aluno já tem para aumentar o estudo e as cobranças. Isso inclui também a criança em seu estágio inicial de busca pelo saber; ensino e aprendizagem são inseparáveis.

A atividade é consequência do princípio da liberdade, pois, a criança deverá se sentir livre, mas de uma forma ordeira. Para isso, a escola deve oferecer um ambiente organizado onde a criança possa se desenvolver de acordo com seu tempo de instrução. Todavia, a aquisição de aprendizagem consoante mencionada brota de variadas esferas como a social, a cognitiva, a biológica e a afetiva. Nesse contexto, a escola que é, a segunda organização social à qual a criança participa, tem um papel primordial na elaboração dos princípios que acompanham o aprendiz em uma longa trajetória de vida.

4. FAMÍLIA E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Esse pode ser considerado o principal fator de uma dificuldade escolar, pois o acompanhamento familiar, a participação ativa e o incentivo somado a tantos outros pontos que são de responsabilidade familiar infelizmente faltam na rotina de muitos porque os pais tendem a delegar sua função na educação dos filhos para a instituição escolar, ocasionando em uma sobrecarga para esta.

Sabe-se que a casa representa um dos primeiros ambientes no qual o indivíduo inicia sua vida em sociedade. A família tem o dever de garantir aos seus filhos melhores condições de desenvolvimento, em todas as áreas do conhecimento. Em meio à família os educandos devem receber instruções básicas de relacionamentos, ética, deveres, compromissos e inspirações por meio de exemplos e influências socioculturais. Desta forma, incube a família a transmissão de comportamentos e crenças que marcam a sociedade.

Família e escola são parceiros fundamentais no desenvolvimento e sucesso do educando. É necessário que ambas sigam as mesmas instruções e dialoguem com a mesma visão, incentivem na mesma proporção e busquem estratégias que favoreçam o aprendizado e a sociabilidade como um todo. Um elo deve ser mantido desde o início ao término da trajetória escolar.

Analisando todo o percurso da criança encontra-se a família presente desde a concepção do feto, acompanhamento da gestação, nascimento, crescimento, adolescência, juventude e adulto. Assim, pode-se afirmar que os primeiros professores que encontramos foram nossos pais, avós, tios e responsáveis. Em tese, é esperado pela sociedade que eles quem os incentivam e vibram por cada conquista e quando isso não ocorre da forma esperada pode ocasionar um desajuste no sujeito.

Desse modo, a LDB (2004, p. 27) afirma no Art.2º. “A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Nessa perspectiva, é firmado e deve ser cobrado da família esse papel de extrema relevância na aprendizagem da criança. Isso, não quer dizer que a escola não possa ajudar ou até mesmo ensinar esses valores, mas, a escola cumpre outro papel dentro do campo de aprendizagem, ou melhor, especificidade; indo de acordo com o pensamento de Szymanski (2003, p. 99):

A escola, entretanto, tem uma especificidade- a obrigação de ensinar (bem) conteúdos específicos de áreas do saber, escolhidos como sendo fundamentais para a instrução de novas gerações. Problema de as crianças aprenderem fração é da escola. Nenhuma família tem essa obrigação.

Assim, entende-se que as duas instituições possuem interesses comuns, porém cada uma atua em uma forma diferente de educar. A família passa a participar da vivência da escola através de projetos, comemorações, reuniões e encontros. Buscando estratégias para manter uma relação saudável e presente na vivência do estudante. Obtendo assim um resultado satisfatório com hábitos coerentes.

A discussão de promover esse relacionamento harmonioso no processo aprendizagem não é recente e promovendo a corresponsabilidade exigindo desafios; muitas vezes indestrutíveis. Desse modo, compreender que a realidade de muitos pais ou responsáveis é diferente e caótica se torna essencial para bater de frente com o problema educacional. Muitas famílias apresentam um índice violento, desajustado e desestruturado. Ficando impossibilitado de exigir ou cobrar algum rendimento dos seus filhos, pois, alguns nem tinham acesso à educação quando criança e agora na fase adulta não entende o tamanho da importância que a educação tem no pleno desenvolvimento de um cidadão pensante.

A questão é que o comportamento dos filhos diz muito sobre a forma como os pais ou responsáveis agiram sobre determinado assunto. Os pais que preferem não falar; educam para o silêncio. E indiretamente assume a consequência da omissão. Já os pais que abordam essa questão em suas rodas de conversas; educam para a discussão e esclarecimento.

Notoriamente, os pais que valorizam a cultura, a ciência e educação buscam transmitir aos seus filhos os desejos, anseios e reflexões na busca de um futuro promissor com oportunidades de uma vida próspera e tendo, conseqüentemente, uma estabilidade melhor.

Infelizmente, os que não viveram essa situação tendem a não valorizar a educação ou dar suporte no ensino escolar. Afastando o aluno da sala de aula e o tornando um aluno-problema para o ensino, ocasionando dificuldades ainda maiores para as escolas.

É o peso da relação familiar estabelecida com o mundo, com a ciência, com o conhecimento que determina a formação dos filhos e o direcionamento. Por outro lado, pode-se salientar que com as transformações ocorridas no mundo, a família também passou por significativas transformações. Colocando o mercado de trabalho muitas vezes acima de todos.

Promovendo, uma inversão da rotina familiar. A família reside no emprego e visita suas residências. Transferindo para a escola, empregados, babás, avós ou a terceiros a missão de educar:

No interior de nossa própria cultura, sem sair de nossa própria cidade nem de nosso próprio bairro, um belo dia observamos nosso ambiente e nos damos conta de que tudo mudou tanto que mal somos capazes de saber como as coisas funcionam. Sentimo-nos, então, desorientados como se tivéssemos viajado para uma sociedade estranha e distante, mas sem esperança de voltar a recuperar aquele ambiente conhecido no qual sabíamos nos arranjar sem problemas. (ESTEVES, 2004, p. 24).

Desta forma, percebe-se com exatidão que os responsáveis além de não acompanharem o crescimento e vida dos filhos, deixam o papel de educar de lado. Desta forma, o papel da escola foi ampliado, sendo necessário primeiramente acolher, dar carinho, cativar e posteriormente educar. Sendo assim, esse intercâmbio irá promover uma série de falhas seja cognitiva, psíquica ou aprendizagem. Acarretando problemas para as famílias, para a educação e, conseqüentemente, para a sociedade.

Percebe-se que desta maneira a interação entre família/escola é necessária para que ambas busquem os caminhos, os percursos e decisões para que haja o sucesso educacional do filho/aluno como um todo. O ensino aprendizagem é cobrado, exigido é garantido por diversos órgãos do nosso país. E sempre colocando a família como peça fundamental no processo e na consolidação de um ensino de qualidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz em seu artigo Art. 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Nesse contexto, pode constatar mais uma vez que a família é citada e deve cumprir seu papel dentro da sociedade ajudando no processo educativo dos seus. Assim, estarão garantidas ao menor todas as condições necessárias para um sucesso pessoal. A legislação é clara e fornece todo embasamento para promover a equidade em todos os estudantes.

MARCHESI (2004) afirma que a educação não diz respeito apenas à escola e que essa tarefa não se realiza sozinha, que é necessário um apoio entre outras instituições e dentre elas encontra-se a família que tem um papel mais próximo quando comparada com a escola. Mais um pensamento que vai de acordo com a linha de estudo apresentada. Portanto, uma boa relação entre a família e a escola é indiscutível. Só com essa prática poderemos dialogar e ter resultado satisfatório para todas as classes.

É importante que a família esteja engajada no processo educativo dos filhos ou dependentes, para que possa ao lado deles descobrir as maravilhas e encantos que existem dentro do mundo do conhecimento. Assegurando a aprendizagem na idade certa, o compromisso, a fidelidade e a responsabilidade com a educação. As crianças são filhos e estudantes simultaneamente. Assim, as duas instituições mais importantes da sociedade contemporânea, escola e família, devem andar de mãos dadas. Buscando os mesmos objetivos em prol dos mesmos resultados; garantindo e assegurando uma educação de qualidade livrando eles das dificuldades encontradas ao longo do percurso de educar.

Primordialmente, faz-se justo compreender o papel da escola, que é uma instituição que tem como função a socialização do saber, ou seja, preparação intelectual e moral, sendo também, um espaço de inserção social. Para Moreira e Candau (2003), a escola não tem como exclusividade apenas a contribuição do saber científico, mas sim, propõe-se a construção, desconstrução e a reconstrução do conhecimento.

Segundo Silva e Ferreira (2014) a escola é uma instituição social de extrema importância na sociedade, pois além de ter o papel de proporcionar aos alunos preparação intelectual e moral, tem como objetivo a inserção social. Isso porque a escola é um dos importantes ambientes frequentados pelos indivíduos, depois do âmbito familiar. Dessa forma, a mesma deve promover a construção do conhecimento onde o estudante é um ser ativo.

Consequentemente, pode-se dizer que a criança toma decisões, soluciona itens, questiona e interage seja de forma concreta ou abstrata. De antemão, pode-se assegurar que o centro de aprendizagem é um local com muitas funções, leis e acordos que devem ser

cumpridos e obedecidos, esta como uma instituição social possui objetivos e metas para alcançar conhecimentos levando em conta que a instituição não possui mais o monopólio do saber, como ocorria há séculos atrás.

Conforme Libâneo, Oliveira e Toschi (2009):

A escola é uma organização em que tanto seus objetivos e resultados quanto seus processos e meios são relacionados com a formação humana, ganhando relevância, portanto, o fortalecimento das relações sociais, culturais e afetivas que nela têm lugar (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2009, p. 994).

Encontra-se na escola uma forte aliada para ajudar o sujeito a se desenvolver de maneira correta, estimulando o crescimento da criança e despertando aptidão por matérias, conhecimentos e experiências educacionais. É nesse meio que os alunos aprendem conteúdos, vivenciam projetos de valores, exercitam a ética e a moral e tornam-se humanos do bem.

No campo educacional e, especialmente, na escola, os fatores subjetivos muitas vezes passam despercebidos. No processo de aprendizagem os fatores filogenéticos, ontogenéticos e culturais se entrelaçam e formam as condições que envolvem o desenvolvimento do estudante, pois é cabível que o homem é um ser biopsicossocial e que todos esses fatores são de suma importância para o desenvolvimento do seu ser.

Visto que, a criança ao adentrar em uma escola seu enfoque maior no que diz respeito ao processo de aprender para com o aluno é na escrita e na leitura. Salienta-se que nem sempre este pressuposto é possível ser alcançado diante do que se espera por educadores e pais pelo simples fato de que em muitas circunstâncias os alunos demonstram dificuldades na aprendizagem não conseguindo assimilar as habilidades que requerem para uma boa leitura e/ou escrita.

Nessa perspectiva Furtado e Borges (2007, P. 03), salientam que:

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para a criança, para os pais e para a escola ocorre a "dificuldade de aprendizagem". E antes que a "bola de neve" se desenvolva é necessário a identificação do problema, esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes envolvidas no processo: criança, pais, professores e orientadores. O que vemos são crianças desmotivadas, pais frustrados pressionando a criança e a escola.

No entanto, é no âmbito escolar que é possível perceber uma grande parcela dos alunos que apresentam dificuldades no progresso escolar; esses fatores podem ser decorrentes de diversos aspectos correlacionados como: sociais, familiares, afetivos, cognitivos, neurobiológicos e até mesmo diante do plano de ensino elaborado e realizado.

Segundo Lima e Pessoa (2007) o termo DAs vem sendo cada vez mais discutido nas identificações das dificuldades de aprendizagem de forma crescente entre estudantes, sendo conceituado acerca da aprendizagem.

Gómez e Terán (2009) asseguram ainda que “aprender é um processo complexo e multifacetado que apresenta bloqueios e inibições em todos os seres humanos.” A partir disso, pode-se inferir que nem sempre o aprendizado acontece de maneira suave e natural, por que mesmo que seja “fácil” para o homem observar e compreender algo, sempre haverá alguma coisa que precisará de um esforço maior para a aquisição, porém, não quer dizer que o aprender não pode acontecer.

Com pauta a dificuldade de aprendizagem alguns autores a retratam como “[...] problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações” (SMITH; STRICK, 2012). Assim, os autores mencionados acima identificam que este “problema” está relacionado apenas a questões neurológicas, mas pode-se perceber que para além desses fatores, também são associados aspectos psicológicos e ambientais que interferem de forma direta ou indireta no processo da aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem são caracterizadas por distúrbios ou disfunções no processo de conhecimento. No entanto, com o aprofundamento teórico sobre suas possíveis causas e na busca de uma melhor definição, muitas outras terminologias surgiram para tentar explicar o que de fato são estes déficits no aprendizado (BARBOSA, 2015).

Por tanto, dificuldades cognitivas, sociais ou afetivas podem fazer com que alguns adolescentes percam o total interesse pela arte do aprender, desencadeando em um abandono dos seus estudos, por acreditar que não é capaz de desenvolver habilidades que o contexto educacional e a sociedade impõem. Tendo também como uma consequência deste fator a desistência de si mesmo enquanto sujeito.

Diante de todas essas ideias e conceitos já mencionados é preciso afirmar que cada aluno através da sua individualidade apresentará um rendimento diferente e isso deve ser respeitado objetivando-se que o alunado aprenda o possível e que possa ter um olhar voltado para este que não acompanha o andamento dos demais, a fim de, atender todas as diferenças individuais.

5. TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DA APRENDIZAGEM

Vários teóricos classificam teorias acerca do desenvolvimento e estágios infantil, onde os mesmo apresentam uma normativa acerca do que é “normal” e esperado para se desenvolver dentro de uma determinada faixa etária. Assim, pode-se conceituar tal “afirmação” como desenvolvimento típico, este subentende como aquilo que se espera de uma criança para sua idade atual. A sociedade tende a taxar para os pais que todas as crianças precisam desenvolver-se ao mesmo tempo e possuir as mesmas características seja de aprendizado ou descobertas. No entanto, algumas podem levar um tempo maior para aperfeiçoar as mesmas habilidades. Assim, é notório perceber que nem sempre esse possível atraso tem um significado maior.

Logo, tudo que escapa desse padrão para com a idade de normalidade se conceitua como desenvolvimento atípico, assim, é determinado como o desenvolvimento de crianças que apontam atrasos e/ou prejuízos em relação às crianças com o mesmo intervalo de idades (LUDSON, 2019). Destaca-se que o maior desafio da escola é o preconceito e estigma associado a esse transtorno. São eles que permitem muitas vezes enquadrar essas pessoas em comportamentos atípicos as tornando incapazes perante a sociedade de exercer determinadas funções. De acordo com Goffman (2008), essa padronização do estigma costuma levar automaticamente o sujeito a uma exclusão, a sociedade estigmatiza e exclui da coletividade por não apresentar e não se enquadrar nos padrões de normalidade estabelecida pela mesma.

Esse comportamento atípico pode-se desencadear devido a vários fatores correlacionados, tais como o sistema biológico, o qual muitas vezes não vem preparado para o desenvolvimento ocorrendo uma falha nesse aparato biológico, fatores ambientais, sociais e familiares podem está adjuntos para esse fator. Destarte, a criança que se “enquadra” a este tipo de desenvolvimento quando ingressa na escola segundo Ciasca (2003), se depara em um universo totalmente inexplorado e enrijecido por muitas regras, exigindo-lhes um novo condicionamento de adaptação social que também traz consigo um complexo processo de maturação e desenvolvimento físico e mental.

Diante deste fato, faz com que muitas crianças não compreendam o sentido e o significado daquele conjunto de regras podendo ocasionar um estranhamento com sua cultura social e familiar e com suas condições socioeconômicas. Portanto, a criança não consegue “se

encaixar” no mundo e no processo de escolarização, levando a apresentar dificuldades para entender a função social da escrita em sua vida e, como consequência, a não se apropriar da cultura letrada.

Caracteriza-se por transtorno específico da aprendizagem qualquer indivíduo que acarreta uma condição permanente neurológica afetando diretamente no aprendizado e no processamento da informação. Como enfatiza o DSM-5 (2014, p.68) “[...] a origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão”.

“são transtornos que causam discrepâncias entre o potencial e os níveis reais de desempenho acadêmico, assim como as previsões das habilidades intelectuais da pessoa. Os transtornos de aprendizagem envolvem deficiências ou dificuldades na concentração, atenção, linguagem ou processamento visual de informações” (IANHEZ, 2002).

Para uma maior compreensão da “vasta” diversidade dos transtornos da aprendizagem, a seguir será exposto os mais encontrados perante o contexto educacional que afeta o processamento de informações e contribui para o aumento das estatísticas de fracasso escolar. Dentre eles pode-se elencar: a Dislexia, a Discalculia e a Disgrafia.

Dislexia é compreendida como uma disfunção neurológica e que resulta na dificuldade para processar sons e palavras. É considerada como um transtorno específico da aprendizagem, caracterizada por apresentar problemas no reconhecimento preciso e fluente de palavras, problemas de decodificação e dificuldades de ortografia (DSM-5, 2014). O sujeito que acarreta a dislexia apresenta um não reconhecimento exato das letras que tem uma semelhança em seus aspectos e formas como é o caso do “p, b e q, d”, de modo que é improvável que o indivíduo aprenda essas habilidades sem um ensino especializado e individualizado durante maior parte dos anos escolares (JARDINE, 2003).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mental – DSM-5 (2014) a dislexia é caracterizada por três tipos: visual, auditiva ou mista. A dislexia do tipo visual tem por principal característica quando a criança não reconhece a palavra, ou seja, apresenta uma alteração no processamento e na percepção da palavra como um todo

visualmente, tendo como fator o possível déficit nas magnocélulas ocasionando assim uma falha na memorização visual da formação da palavra.

Ao contrário, a dislexia do tipo auditiva tem como característica afetar as vias centrais da audição humana, ou seja, as áreas cerebrais relacionadas às habilidades auditivas e de interpretação das informações sonoras. A criança que acarreta esse transtorno consegue ouvir claramente a fala do outro, porém, apresenta grande dificuldade em decodificar e interpretar a mensagem recebida. Por fim, entende-se por dislexia mista quando o sujeito apresenta as características do tipo visual e auditiva, quando ocorre uma junção na decodificação e também no raciocínio lógico (JARDINI, 2003).

Outro transtorno do neurodesenvolvimento ligado ao processo da aprendizagem é a discalculia, sua característica principal está ligada a dificuldade que a criança apresenta nos aspectos matemáticos, assim, tende até incompatibilidade em correlacionar habilidades matemáticas com o mundo em sua volta. Segundo Hudson (2019), a criança não consegue aprender quando a situação envolve habilidade matemática, invertem números na escrita, dificuldades com representações gráficas, classificar números e colocá-los em sequência. Pode-se notar que o sujeito que acarreta deste transtorno tende a persistir em um mundo de guerra, onde seu maior inimigo são os processamentos de informações numéricas.

Em uma classificação apontada por García (1998) pode-se englobar seis tipos: discalculia verbal - conhecida por apresentar dificuldade de nomear quantidades matemáticas, números, termo e símbolos; discalculia practognóstica – dificuldade para enumerar e comparar matematicamente; discalculia léxica – dificuldade na leitura dos símbolos matemáticos; discalculia gráfica – dificuldades para escrever símbolos matemáticos; discalculia ideognóstica – dificuldades com operações mentais; e discalculia operacional – dificuldade para executar operações e cálculos.

Por último mais não menos importante faz jus mencionar a Disgrafia que é definida como uma “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia” (Torres & Fernández, 2001, p. 127). Ou seja, é uma dificuldade na hora de escrever acompanhada de um traçado ilegível, uma mistura entre letras maiúsculas e minúsculas. O sujeito que acarreta desse transtorno muitas vezes é tachado de “letra feia” e visto como aluno preguiçoso por não apresentar um padrão de “letra bonita” perante o que se espera da sociedade.

Perante a visão de Hudson (2019), a disgrafia pode apresentar por três tipos: a disgrafia especial - quando o processamento visual e compreensão do sujeito estão comprometidos, afetando de forma direta na escrita e ocasionando uma dificuldade de permanecer a escrita, desenho ou colorir em um alinha reta; a disgrafia motora – é identificada quando a criança sabe ler e escrever mais encontra dificuldade na coordenação motora, tornando a caligrafia desalinhada; e a disgrafia de processamento – dificuldade em visualizar a aparência das letras dos membros superiores e inferiores.

Entretanto com base no exposto, o diagnóstico de uma criança que possa ter algum tipo de transtorno de aprendizagem pode levar algum tempo devido a necessidade de avaliação por muitos especialistas e o alcance de um consenso entre eles, pois muitos transtornos que não se referem à aprendizagem podem apresentar um quadro de sintomas muito parecidos. Sendo dispensável a avaliação de uma equipe multidisciplinar para o fechamento do diagnóstico.

Em referências às leituras que guiaram tal discussão se faz necessário destacar a relevância da aplicação de técnicas psicológicas no estudo das dificuldades ou transtornos de aprendizagem. POPPOVIC citado por OHLWEILER (2016) evidenciam a necessidade de uma avaliação neuropsicológica adequada para a criança que apresenta tais transtornos.

6. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Ao longo dos anos diversas nomenclaturas foram utilizadas para caracterizar a psicologia na sua relação com a educação, essas diversidades de termos foram sendo usadas e alteradas ao longo do tempo de acordo com os contextos e movimentos sociais de cada época; considerando objetos de interesses, finalidades, métodos de intervenções e investigações. No decorrer desse percurso as diversidades de nomenclaturas sofreram alterações ocorrendo então o consenso entre as terminologias utilizadas; Psicologia educacional e Psicologia Escolar.

A psicologia Educacional configurou-se ao segmento de estudos e pesquisas que visam descrever os processos psicológicos presentes na educação, progressivamente com a utilização das teorias e conhecimentos da psicologia científica visando de forma geral

melhorar a educação. Assim, entende-se por Psicologia Educacional como uma subárea do conhecimento que tem por finalidade produzir saberes sobre o fenômeno psicológico no processo educativo; importante averiguar que a mesma não se limita ao contexto escolar, pois diz respeito a todo processo de aprendizagem o qual está inserido em qualquer campo de atuação (CASSINS, 2007).

Já a psicologia Escolar é constituída como um campo de atuação profissional que visa à aplicação de conhecimentos na instituição que atua; tem seu ramo de origem a psicologia que se propõe a estudar o processo de ensino aprendizagem e suas diversas vertentes, tais como desenvolver atividades com alunos, professores, gestores e também a família, buscando auxiliar no processo ensino aprendizagem, assim como, entender e explicar os fenômenos de origem psíquica que sucedem o contexto educacional (CASSINS, 2007). O psicólogo que atua neste contexto desenvolve também estratégias para melhorar e aperfeiçoar as relações existe.

A psicologia escolar tem suscitado inúmeras reflexões acerca da identidade dos profissionais que nela atuam, apesar de ser uma área tão antiga quanto à própria profissão de psicólogo, ainda se enfrenta uma série de dificuldades e contradições, dentre elas pode-se aqui mencionar a falta do desconhecimento acerca do fazer deste profissional dentro do âmbito escolar. Esse fator para alguns autores pode ter uma relação diretamente com o seu desenvolvimento o qual por muito tempo era vinculado como um desfecho da área clínica.

De fato, por muito tempo o psicólogo que atuava na escola utilizava-se como principal ferramenta os testes psicológicos com a finalidade de medir habilidades e competências dos alunos, para que assim, fosse possível perceber alguma patologia presente neste sujeito. Para tanto, em meio a tantas críticas e discordância para com a forma que este profissional estava atuando, levando seu trabalho para um enfoque de caráter clínico, surgem mudanças que segundo o Conselho Federal de Psicologia (2017) cabe ao psicólogo atuar “[...] em conjunto com a equipe, colaborar com o corpo docente e técnico na elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e do material didático [...]”.

De acordo com MARTINEZ (2010, P. 42):

“O psicólogo escolar é um profissional que utiliza os conhecimentos produzidos sobre o funcionamento psicológico humano para colaborar com os processos de

aprendizagem e desenvolvimento que têm lugar no contexto escolar, tendo em conta a complexa teia de elementos e dimensões que nos caracterizam e que, de alguma forma, nos determinam”.

Diante desta perspectiva cabe ao profissional levar em conta a multiplicidade de fatores determinantes na realidade educacional, além disso, tem como responsabilidade agir no que diz respeito à família daquele sujeito que se encontra no âmbito escolar; é preciso observar tanto o contexto dentro da escola quanto externamente, pois se sabe que os fatores que não são intrínsecos ao meio educacional podem afetar de forma direta no processo de aquisição.

Atualmente, de acordo com Oliveira (2009), há procura do Psicólogo Escolar se caracteriza por uma atuação que se assegura no crescimento e no sucesso dos autores escolares ao invés do foco nos problemas e dificuldades. Em consonância a isto o profissional a partir de uma visão sistêmica, age em duas frentes: a preventiva e a que requer ajustes ou mudanças; desse modo coopera para o desenvolvimento cognitivo, humano e social, visando como um agente de mudanças, no qual busca promover a reflexão e conscientização para toda a comunidade escolar.

Perante a isso, é salientado afirmar que este profissional também pode exercer seu trabalho frente às dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos estudantes. Cabe a ele (a) enquanto agente de mudança promover um caminho de horizontalidade entre professor/aluno, rompendo com a reprodução do modelo socialmente hegemônico de coisificação do ser humano.

Paulo Freire (2007), em sua obra “Pedagogia do Opressor” afirma que o professor é um indivíduo que recita fatos e ideias e os alunos apenas ouvem e memorizam tudo, não havendo uma correlação com sua vida, seu meio social e consigo mesmo resultando muitas vezes em um estilo de aprendizagem passivo. O profissional da psicologia que atua neste âmbito pode ser uma ponte entre professor e aluno, desfazendo a linha existente entre os dois na medida em que todos aprendam lado a lado, criando igualdade e a ausência de opressão.

Com isso pode-se concluir que o trabalho do psicólogo deve ser realizado de forma a desenvolver, potencializar e estimular novas habilidades dos alunos que apresentam algumas dificuldades para que assim possa quebrar o paradigma do preconceito. Em conjunto com a equipe fica evidente a necessidade do desenvolvimento de ações/estratégias e técnicas inclusivas para a melhoria do ensino-aprendizagem. “O psicólogo deve valorizar todas as habilidades que estas possuem para a aprendizagem escolar e ao mesmo tempo fortalecer a

autoestima do educando e oportunizar novas perspectivas de aprendizagens” (COSTA, 2018, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, esse estudo objetivou-se compreender as dificuldades constituídas no âmbito familiar e escolar que influenciam no processo da aprendizagem do indivíduo. Buscou-se também conceituar alguns termos os quais muitas vezes são confundidos e utilizados como sinônimos. Contudo, afirma-se que todos os objetivos propostos desde o início deste trabalho foram alcançados e firmados ao decorrer do processo da escrita.

Destarte, observou-se que as dificuldades de aprendizagem podem está ligadas a subjacentes fatores tanto extrínsecos como intrínsecos ao sujeito, podem vir acompanhadas de transtornos, mas nunca estabelecida apenas por eles. Falar sobre as dificuldades de aprendizagem como consequência de fatores cognitivos, neurológicos é possível. Porém, através desta pesquisa e acerca dos autores reexaminado percebeu-se que outros campos como o social onde a criança está inserida e desenvolve sua relação pessoal, familiar e cultural podem ter relação direta e significativa na influência para o surgimento dessas DAs.

Desse modo, é necessário que durante a vida estudantil exista um elo entre educadores enquanto escola e a família para traçar e realizar metas para atingir pleno desenvolvimento do estudante. É necessário buscar apoio familiar para assim conseguir compreender o que gera tamanha dificuldade na aquisição do aprender, não se pode esquecer que situações familiares refletem dentro da sala de aula.

Constatou-se que as dificuldades que acarretam a aprendizagem estão muito além de uma falta de vontade de pegar na caneta ou fazer a tarefa que o professor pediu. É um tema sério que merece ser analisado de forma cautelosa. Pois, cada estudante vive uma realidade e diversos fatores externos e internos interferem no ensino aprendizagem. O filósofo social Jean Jacques Rousseau afirmou que o homem é bom por natureza. É a sociedade que o corrompe. Esta fala do escritor europeu nos ajuda a refletir; mostrando que o meio que o indivíduo está inserido codifica com sua personalidade.

Levando-se em consideração todas as informações apresentadas é importante frisar e destacar o papel fundamental do profissional da psicologia inserido no contexto escolar de forma a auxiliar no processo de tratamento e na acolhida dos pais e dos discentes. Dessa forma, o objetivo do psicólogo é ajudar a aumentar a qualidade e eficiência do processo educacional através da aplicação dos conhecimentos psicológicos. Tendo em vista que, a

alternativa mais adequada é que o psicólogo assuma um papel de agente de mudança dentro da instituição, perante as relações que se estabelecem neste contexto, sem esquecer o extraescolar.

Conclui-se, que a educação já é em si um processo, algo que, ao fechar um ciclo, abre outro. É uma infinita sucessão de acontecimentos éticos, estéticos e epistemológicos. Certamente, não se podem criar gênios, mas se pode melhorar a qualidade criativa do processo educativo, já que a criatividade pode ser desenvolvida por todos e favorece o campo das dificuldades de aprendizagem. De antemão a aprendizagem torna-se mais significativa quando se encontra nas instituições agentes de mudanças que acreditam no seu potencial, ao invés de julgar e oprimir.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. V. **Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico**. 1. ed. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

ANTUNES, C. **Professores e Professores: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. 2. ed. – Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2008.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.

_____. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, MEC, 1990.

CAMPOS, D. M, S. **Psicologia da Aprendizagem**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CASSINS, A. M. Manual de Psicologia Escolar – Educacional. 21. ed. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007.

CIASCA, S. M. Apresentação. In: CIASCA, S. M. (org.) **Distúrbios de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Instituto a Consolidação das resoluções ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro**. Resolução nº 013/07, 2010.

COSTA, L. N L. **O Papel da Psicologia Frente às Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar**. Monografia- Faculdade de Ensino Superior do Piauí – Faespi Curso de Bacharelado em Psicologia, Teresina – PI, 2018.

ESTEVES, J. M. **A terceira revolução educacional: a educação na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Moderna, 2004.

FURTADO, A. M. R; BORGES, M. C. **Módulo: Dificuldades de Aprendizagem**. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Nova York: Continuum, 2007.

GALPERIN P, Ya. **La dirección Del proceso de aprendizaje**. In: ROJAS, L. Q. (comp.) La formación de las funciones psicológica durante el desarrollo del niño. Tlaxcala: Editora Universidad Autónoma de Tlaxcala, 2001.

GARCÍA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓMEZ, A. M. S; TERÁN, N. E. **Dificuldades de Aprendizagem: Detecção e estratégias de ajuda**. [S.l.]: Cultural, 2009.

GIUSTA, A. D. S. **Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas**. Educ. Rev. v. 29 n.1, 2013. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-46982013000100003>. Acesso em nov, de 2021.

HUDSON, D. **Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com Dislexia, Discalculia, Disgrafia, Dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC**. Petrópolis: Vozes, 2019.

JARDINI, R. S. R. **Método das Boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e da escrita**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LIBÂNEO, J. C; OLIVEIRA, J. F; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, T. C. F. D; PESSOA, A. C. R. G. Dificuldade de aprendizagem: principais abordagens terapêuticas discutidas em artigos publicados nas principais revistas indexadas no LILACS de fonoaudiologia no período de 2001 a 2005. **Rev.CEFAC**, v.9, n.4, p. 34-78, 2007.

LOPES, J. A. **Conceptualização, avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem: A sofisticada arquitetura de um equívoco**. Psiquilíbrios, 2010. <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/as-dificuldades-ensinoaprendizagem-no-ensino-fundamental-i.htm>.

MARCHESI, A; GIL, H. C. **Fracasso Escolar - uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnica de pesquisa**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINEZ, A. M. **O que pode fazer o psicólogo na escola?** Em Aberto, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar, 2010.

MOREIRA, A. F. B; CANDAU, V. M. **Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, n.23, 2003.

OLIVEIRA, C. B, Evangelista; MARINHO-ARAUJO, C, M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 9, n. 3, dez. 2009 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em nov, 2021.

ROTTA, N. T; OHLWEILER, L; RIESGO, R, S. **Transtorno da Aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinas. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SILVA, L. G. M; FERREIRA, T, J. **O papel da escola e suas demandas sociais**. **Periódico Científico Projeção e Docência**. v. 5, n.2. Dezembro de 2014.

SMITH, C; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de A-Z**: guia completo para educadores e pais. Ed. Revista ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

TORRES, R; FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**. Amadora: McGrawHill, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.